

## Acopiara, o “boião” e a quase farsa

Por Jb Serra e Gurgel (\*)

Na noite de domingo, 25.11, os 45.569 habitantes de Acopiara foram premiados com quase 10 minutos na Rede Globo de Televisão, no Fantástico, com apresentação de uma reportagem especial de Mauricio Krubusly, “o campeonato dos maridos traídos ou a 21 Festão do Boião”.

Quem trabalha com a mídia, como há 40 anos o faço, um minuto de televisão, na RGT, é uma eternidade.. Dez minutos é uma bomba devastadora. Em outras redes, um minuto ou dez, são irrelevantes.

O que é mostrado pela RGT impacta e impressiona, constrói e destrói, massageia o ego ou causa indignação. Dificilmente se fica indiferente.

O Fantástico já teve mais audiência, mas ainda é grande revista de entretenimento nas noites de domingo. Há mais de três décadas no ar, tem méritos indiscutíveis, qualidade, profissionalismo, imparcialidade, informa, diverte, relata, desnuda, constata, emociona e entristece.

Não se pode culpar a RGT de nada. O “boião” lá estava, a vivo e a cores, com centenas de pessoas se divertindo com suas entranhas expostas aos olhos perplexos de um país em crise de referências e de padrões de civilidade. Nunca dantes neste país, esta questão esteve tão em evidência. Muita gente acha que esta frouxidão moral é normal, é linda, é bela, é digna, é hilária, é moderna, é contemporânea, quando este viés apenas revela uma acelerada crise social de lassidão moral, de desagregação familiar, de perversão sexual, de banalização e vulgarização do casamento. Ou somos um país com níveis aceitáveis de dignidade, de honra e de pudor, ou seremos um país de promiscuidade, putaria, libertinagem e sacanagem. Se os modernos querem e se esforçam que todos os brasileiros sejam cornos ou homossexuais, bissexuais, transexuais, etc, etc, poderemos mudar o nome do País para Reino da Galhofa Império dos Chifrudos e dos Baitolas ou Sodoma ou Gomorra.

A reportagem do Fantástico caiu como uma bomba sobre Acopiara. Seus efeitos foram devastadores.

Todos os “boiões”, meus conterrâneos, tem lá suas razões para rir de sua própria desgraça, com caras de babacas e de panacas, nu, bundalelê da porra, e parece que ninguém tem nada com isso. A partir daqui discordo, não da RGT e de Mauricio Krubusly, pois temos tudo a ver com isso.

Há 50 anos, fora de minha cidade, e vivendo a mais de 3.000km de distância, fui atingido. O impacto do terremoto, na escala Richter, foi tremendo. E por que fui atingido? Pela generalização recorrente. De repente, todo acopiarense ganhou um estigma e estigma é como praga de mãe, pega e gruda.

Acopiara, desde Lages e Afonso Pena, não foi fundada pelos “boiões”. Famílias inteiras lá se constituíram e se estruturaram com outros valores. Nossa cidade não é a casa da mãe Joana, de mulheres de vida fácil, de homens devassos. Gerações se passaram cultuando outros valores, transmitidos entre as famílias. Certo que houve desvios cabeludos na obediência daquilo que pareceu ser a preceito básico de nossa civilização. Figuras austeras e respeitáveis, nos diferentes grupos sociais, da falsa nobreza e da pobreza, miséria e indigência absoluta, enveredaram pelos desvãos do coração e dos instintos bestiais praticando a insensatez. Mas insisto não era a regra, mas o desvio.

A ser verdade que todos os acopiarenses são “boiões”, que 99,7% foram traídos, que em cada lar, há um assumido ou enrustido, seria o fim de uma era glacial ou de uma comunidade! .Ou o começo de uma outra em que ninguém é de ninguém, todo mundo é de todo mundo, vale homem com homem, mulher com mulher, uma nova ordem social.

“Boiões” há em todos os grupos sociais. Em Fortaleza, há um conjunto habitacional, em que os moradores são acordados pelos comunicadores de rádio com chocalhos de boi, badalando, enquanto bradam nos microfones: “Acorda sua cambada de corno”.! Dificilmente todos os moradores são “boiões” mas a generalização constitui um desrespeito monstruoso. Pode ser engraçado, mas soa com uma marca que agride a consciência dos outras pessoas. É uma afronta à privacidade, ao direito individual, à diversidade e ao direito social.

Os que são “boiões” assumidos riram, vangloriam-se, desfilaram suas carapuças, suas “perucas de touro”, pelas ruas da cidade. Tiveram seus minutos de glória e comemoraram. Que sejam felizes para sempre, se este comportamento enseja felicidade. Que façam do encantamento de suas traições sua razão de viver, na sua vida privada e não no consciente coletivo. Com certeza não são ícones para as futuras gerações.

Outros acopiarenses , que não são “boiões, ficaram desnorteados. Muitos meninos e meninas , na 2ª. feira seguinte, primeiro queriam saber o que era “boião”. Não será um boi grande, inocentemente poderiam imaginar! Depois, neles, se instalou a dúvida atroz: “meu pai é boião”? Por que isso? “E minha mãe? Trai meu pai? Por que isso? Isso é normal?” Cruel!

Muitos adultos se perguntam: a fidelidade é possível? Acabou? Existem homens e mulheres fiéis? Todos somos infiéis? Por que tanta infidelidade? Por que casar? Por que construir um lar? O que é a felicidade? A felicidade se compra? Vale a pena ser feliz? Como serão os filhos – homens e mulheres do amanhã – nascidos nestes lares sem paredes e descartáveis, sem veias nem coração? Quais serão seus horizontes de vida? Nem Freud explica. Blanchu muito menos.

Do episódio podemos tirar muitas conclusões: a primeira é que Acopiara dormia tranqüila e recatada, e acordou na boca do furacão, com suas vísceras expostas. Segunda, é que logo esta infelicidade será substituída por outra em qualquer outro ponto do país, nas asas da imaginação, da investigação e da prospecção jornalística. Terceira, os atores desta ópera bufa, tragicômica, logo logo vergarão sob o peso de seus chifres e serão escorraçados de cena e sumirão pelas portas dos fundos, riscando levando consigo as barras transversais dos portais.

Mauricio Kubrusly teve a sensatez de abrir seu texto desta forma: “um rapaz diz todo contente que o pai lhe roubou a namorada. Outro homem bate no peito e revela que a mulher fugiu com um amigo. E toda a cidade pára pra ouvir e se divertir com estas histórias.” Segue: “a brincadeira começa com uma passeata de motos. É um convite para que todo mundo participe da 21ª Festa do Boião, o boi grande”.

Pode ser uma brincadeira, mas não deixa de agregar um forte componente de chifre queimado e de mau gosto.

Principalmente pela generalização e a suspeição espalhada sobre todos os acopiarenses. Os “boiões” que balançaram a galhada na festa adoraram, outros levaram a coisa na troça e não se consideraram atingidos e mais outros, circunspectos e conservadores, se consideraram ofendidos, constrangidos e magoados.

Calma, minha gente, Acopiara é maior do que tudo isso, apesar de ser apenas uma molécula do espaço brasileiro.

(\* ) JB Serra e Gurgel é jornalista e escritor (Acopiara).